



Vini' Luis d' Rego



Fundação Espaço Cultural da Paraíba - FUNESC



Will kiss & Be go

**GOVERNO DO ESTADO DA PARAÍBA**

**JOSÉ TARGINO MARANHÃO**

**Governador**

**ANTÔNIO ROBERTO DE SOUSA PAULINO**

**Vice-governador**

**CARLOS ALBERTO PINTO MANGUEIRA**

**Secretário de Educação e Cultura**

**FUNDAÇÃO ESPAÇO CULTURAL DA PARAÍBA**

**DAMIÃO RAMOS CAVALCANTI**

**Presidente**

**GILSON MARQUES GONDIM**

**Vice-presidente**

**CARLOS ANDRÉ MACEDO CAVALCANTI**

**Diretor de Desenvolvimento Artístico e Cultural**

**JOSÉ LENILTON DE CARVALHO**

**Diretor Administrativo**

**MARIA INEZ MOURA DE LIRA**

**Coordenadora de Literatura e Memória Cultural**

**NESTOR PINTO DE FIGUEIREDO JR.**

**Chefe da Divisão de Editoração**



**Edições FUNESC**  
João Pessoa - PB  
2001

©Copyright by  
Nestor Pinto de Figueiredo Jr.

Capa e editoração eletrônica  
Nestor Pinto de Figueiredo Jr.

Ilustração da capa  
Foto de José Lins do Rego, em 1934.

---

F475j *FIGUEIREDO JR. Nestor Pinto de.*

*José Lins do Rego / Nestor Pinto de Figueiredo Jr.*  
João Pessoa: Edições FUNESC, 2001.  
46p. il.

1. Biografia – REGO, José Lins do - 2. Literatura  
Brasileira - Título.

869.0(81)-6

---



**Edições FUNESC**  
[www.funesc.com.br](http://www.funesc.com.br)





*"Uma nação só é verdadeiramente grande quando os homens responsáveis pelo seu desenvolvimento material são também animadores da inteligência"*

José Lins do Rego

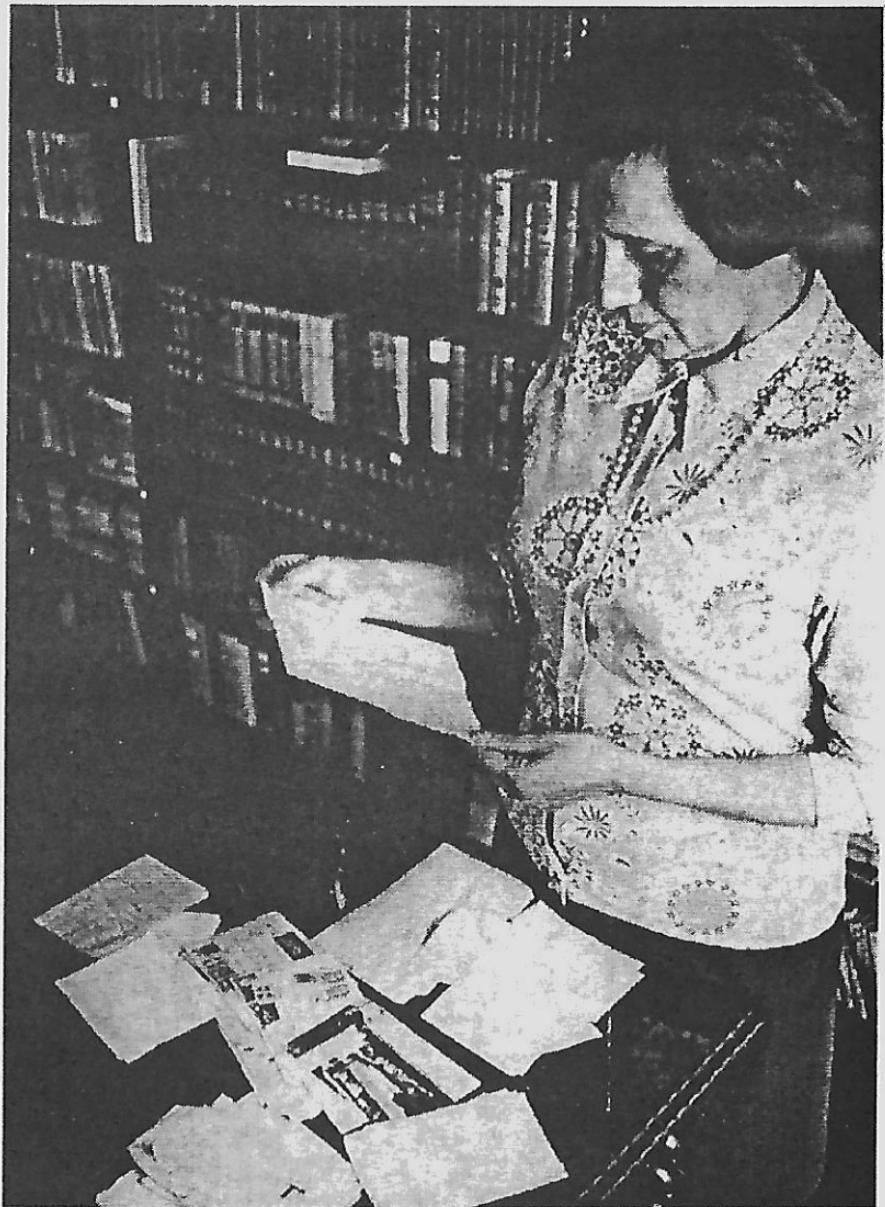


*"Para os antigos, liberdade era a participação dos cidadãos no Governo. Para os modernos, além desta liberdade política, devia existir a liberdade intelectual ou a liberdade de consciência, liberdade de pensar, de escrever, de falar, de reunir-se, de discutir, de ter uma opinião e divulgá-la ou ensiná-la. Esta seria a liberdade substancial do indivíduo, direito natural do homem independente do Estado e da Igreja"*

José Lins do Rego



Philomena Masssa Lins do Rego (d. Naná) e o escritor.



D. Naná foi quem guardou as cartas que Jose Lins do Rego recebia. Hoje, a correspondência passiva do escritor está próxima de 500 documentos. Parte desse acervo encontra-se na Funesc.



Foto oferecida a Valdemar Cavalcanti.

# ÍNDICE BIOGRÁFICO DE JOSÉ LINS DO REGO

Nestor Pinto de Figueiredo Jr.

José Lins do Rego Cavalcanti, jornalista, romancista, cronista, ensaísta e memorialista, nasceu no Engenho Tapuá, em São Miguel de Taipu, na Paraíba, em 3 de junho de 1901, como consta em seu registro de nascimento lavrado no dia 30 de junho daquele mesmo ano, e faleceu na cidade do Rio de Janeiro, em 12 de setembro de 1957. Era filho de João do Rego Cavalcanti Sobrinho e Amélia Lins Cavalcanti de Albuquerque. Com a morte da mãe, no ano seguinte, passou a morar no Engenho Corredor, em Pilar, na Paraíba, com os avós maternos e as tias, fato esse que, posteriormente, selaria sua identificação com o local, quando passou a ser conhecido como José Lins do Rego, autor de *Menino de engenho*, *Bangüê* e *Fogo morto*.

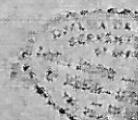
MUNICÍPIO DE  
PARAIBA DO NORTE  
CARTÓRIO CIVIL  
José Lins do Rego

Maria de Moura Rezende, Oficial do Registro Civil de nascimento casamente e óbito da Sede da Comarca de Espírito-Santo do Estado da Paraíba do Norte, em virtude da lei etc.

"CERTIDÃO"

CERTIFICO por me ser verdadeiramente pedido, por parte interessado que reverejo no arquivo de meu cartório no livro finio de assento de nascimento no de numero primeiro dñe 22 folhas cento e quarenta e cinco e verso, consta o assento de nascimento do teor seguinte, N°.284, aos trinta dias do mês de Junho do anno de mil novcentos e um, neste distrito de Paz de São Miguel do Toyópi, termo da Villa de Espírito-Santo-Comarca do Estado da Paraíba do Norte, compareceu em meu cartório João do Rego Cavalcante Sobrinho, e em presenças das testemunhas abilio nomendadas e assignadas declarou que aos tres dias do mês de Junho do anno de mil novcentos e um no lugar do Engenho Tapuá deste termo nasceu uma criança do sexo masculino filha legítima de João do Rego Cavalcante Sobrinho e sua esposa Amélia Lins Cavalcante de Albuquerque, neto paterno de José do Rego Cavalcante de Albuquerque e Antonia Cesar Bizerria de Andrade. Neto paterno de José Lins Cavalcante de Albuquerque e Joanna Bizerria Cavalcante de Albuquerque. Foi baptizado e teve o nome de José Lins do Rego Cavalcante, foram seus padrinhos os avos maternos, lo que para constar faço este assento em que comigo assignaram o declarante e as testemunhas Joaquim Pereira de Castro e João Cesar Falção. Eu João Carlos Cesar Falção Escrivão e escrevi. Assin. João do Rego Cavalcante Sobrinho, Joaquim Pereira de Castro e João Cesar Falção. Era só o que se continha em dito assento aqui bem explicitamente do original, o que me resposto e sou falso. Maria de Moura Rezende, Oficial do Registro Civil que datilografai data e assinou. *Expedido na 1ª Seção do Poder Judiciário de Paraíba do Norte - 1940*

Assinatura:  
Balcão... 60.000  
Cartório... 14.000  
Selo... 23.000  
Total R\$ 68.000



Certidão de nascimento de José Lins do Rego.

Iniciou os estudos em Pilar, onde foi alfabetizado, passando, em seguida, a estudar no Instituto N. S. do Carmo, Itabaiana (PB), onde assistiu às aulas do professor Eugênio Lauro Maciel Monteiro. Depois, continuou a vida estudantil no Colégio Diocesano Pio X, na capital paraibana, no Colégio Carneiro Leão e no Ginásio Pernambucano, ambos no Recife.

Desde cedo, ainda muito jovem, adquiriu a prática do artigo de jornal, hábito a que permaneceu fiel ao longo de sua vida. Seus primeiros artigos aparecem na Revista Pio X, que era uma edição mensal dos alunos do Colégio Diocesano, e em outros periódicos locais. Em 15 de outubro de 1917, publicou nessa revista, no número 8, Ano VIII, um trabalho intitulado “Meditando”, que ele ofereceu “aos inteligentes jovens da Arcádia Pio X. Nesse artigo, aborda a I Guerra Mundial descordando de Rui Barbosa que, segundo o texto, apontava a Alemanha como única culpada por aquela tragédia humana, revelando o então estudante sua admiração pela nação de dois dos principais nomes da cultura germânica:

*O momento terrível que atravessa o Universo é assaz deplorável e vergonhoso para o mundo que se dizia civilizado. Este medonho conflito que assola o mundo veio esclarecidamente provar que não existe em nenhuma parte do globo a idéia bendita de uma paz durável*

*(...) Grite, Rui Barbosa, rache seu pulmão de velho político, cujos desejos ainda não foram de todo satisfeitos, que nunca chegará a me convencer, apesar de toda minha bruteza, e a qualquer pessoa de bom senso, que somente a Alemanha é a culpada nesta tremenda hecatombe, neste conflito sangüinário.*

*(...) Admiro a Alemanha heróica, como também amo a França genial e odeio a Inglaterra ambiciosa, como também elevo-me com a Itália, porém a Itália artística*

*e “coroada de rosas” na frase de Montalvão. Horrorizem-se os exaltados, mofem os fanáticos, porém eu amo a pátria admirável de Goethe e admiro o esforço másculo dos irmãos de Schilley.*

A atividade jornalística marcou o início de sua carreira de escritor, vindo mesmo a constituir grande parte das suas publicações, principalmente nos anos 20. No Diário do Estado, editado na Paraíba, publicou uma seção de artigos intitulada “Ligeiros Traços”, onde aparece o referidíssimo “Ave Rui!!!!”, de 15 de fevereiro de 1919.

Escrevia uma seção permanente no Jornal do Recife, fase essa iniciada em 1918-19, e no qual substituiu o já destacado Barbosa Lima Sobrinho na crônica dominical desse mesmo período. Assinava apenas Lins do Rego, por achar “mais eufônico”. Escrevia, também, as “Notícias da Paraíba” para O Jornal, onde, aliás, recebeu o primeiro salário na quantia de quarenta mil réis. Por essa época, fez também a crítica de teatro em O Jornal e já admirava Machado de Assis, João do Rio, Raul Pompéia e Lima Barreto. Nesse tempo, sua grande ambição, contudo, era apenas ser um grande orador. Promovia greves só para fazer seus discursos.

Ainda em 1919, matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife. No segundo ano, conheceu Raul Boop, com quem foi morar, juntamente com outro amigo (José Ferreira de Souza), nos fundos de uma venda, em Olinda. Raul Boop foi sua primeira grande amizade literária e seu “professor” de como beber uísque. Foi diplomado Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais por essa Faculdade, recebendo o grau no dia de 17 março de 1924.

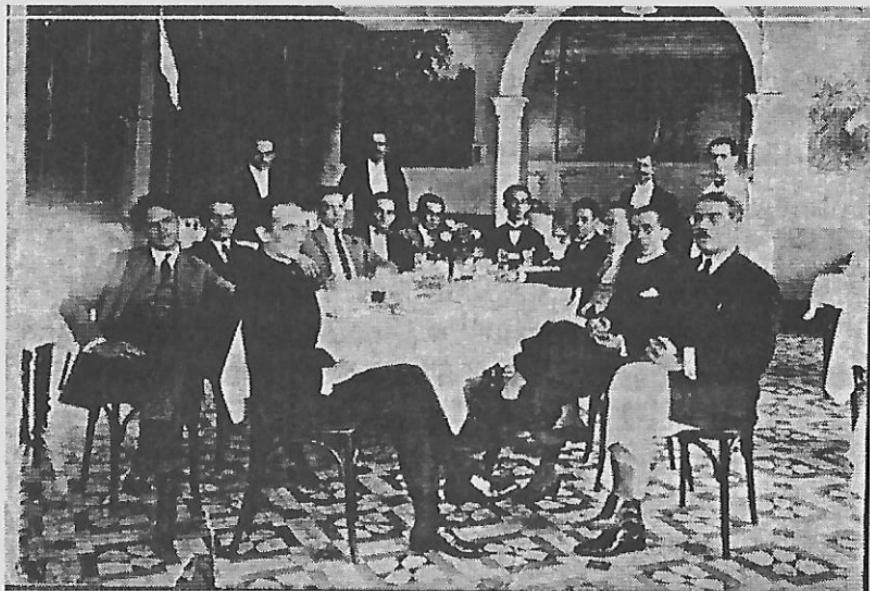
Conheceu Osório Borba, do Jornal Pequeno, durante uma viagem política. Juntamente com esse jornalista, fundou o semanário Dom Casmurro, em 1922. Segundo o próprio José

Lins do Rego, esse periódico teve uma existência curta e rumorosa durante vinte e seis semanas. No número 2, de 6 de novembro daquele mesmo ano, foi publicado um artigo intitulado “Lima Barreto”, em que ele escreveu a conhecida sentença: “Os grandes escritores têm a sua língua; os medíocres, a sua gramática”. Por essa época, publicava, também, artigos na revista Era Nova (PB) e Terra do Sol (RJ).

Travou contato com Olívio Montenegro, crítico literário autor de *O romance brasileiro* (1938), em 1918, durante uma viagem de trem, de volta para o Recife. Desse encontro, nasceu outra grande amizade literária que se juntaria a outras tantas que ele cultivou. Em depoimento, José Lins do Rego atribui a Olívio Montenegro sua iniciação na literatura francesa, através de autores como Barbey d’Aurevilly, Rousseau, Lemaitre, Taine e outros. Nas cartas de Olívio Montenegro, estão registrados vários momentos em que se pode observar a discussão do processo de criação do romancista.

Um pouco antes, conheceu José Américo de Almeida, que identificava como um “chefe intelectual entre os moços da Paraíba”. O autor de *A bagaceira* (1928), em uma de suas crônicas, afirma que a mais bela história de José Lins do Rego não é somente “da literatura brasileira, mas das grandes amizades que glorificam um coração humano”. E conclui: “A sinceridade que foi a marca de toda sua obra era ainda mais viva nas relações pessoais”!

Em 1923, conheceu Gilberto Freyre, talvez sua maior amizade. Recém-chegado dos Estados Unidos, o futuro autor de *Casa-grande e senzala* passou a conviver com José Lins do Rego durante um ano, no Recife. A partir de então, mantiveram boa parte da amizade através de correspondências. Em carta de 28 de novembro de 1934, ao registrar a presença de José Lins do Rego no Recife, Gilberto Freyre permite-nos observar a importância da amizade para esses autores:



Com com os alunos de Direito, on Recife.

Com Gilberto Freyre



*Meu querido Lins: Sua carta, recebi hontem - Olivio veio trazel-a em pessoa, com todo cuidado. Quem deixou saudades foi V., porque cada vez que V. passa aqui uns dias, resurge o antigo Lins e quasi resurge a antiga amizade, que o tempo, a distancia, outros contactos, desfiguraram um pouco. Seria bom, optimo que nos reunissemos para vêr si definitivamente restauraremos aquella nossa amizade tão bôa. Acho tambem que é aqui, comigo e com Olivio, que V. deve morar.*<sup>2</sup>

Muito se tem afirmado sobre essa amizade, principalmente para falar de influências que certamente existiram, mas não da forma como chegou até nós. O certo é que eles foram amigos que mais se preocuparam em cultivar essa amizade do que em discutir literatura, como se pode verificar nas cartas que Gilberto Freyre enviou ao romancista paraibano. Além disso, José Américo de Almeida, Olívio Montenegro, Anthenor Navarro, Ademar Vidal e Celso Mariz, na Paraíba, tomaram parte dessa troca de experiências, e ainda aqueles que José Lins do Rego viria a conhecer em Maceió e no Rio de Janeiro.

A saída de José Lins do Rego, do Recife, ocorreu em razão do seu casamento com a filha do senador paraibano Antônio Massa, Philomena Massa, no dia 21 de setembro de 1924, a qual se tornou mais conhecida como D. Naná Lins do Rego, ou simplesmente Naná. O matrimônio aconteceu na cidade de Cruz do Espírito Santo, na Paraíba. No ano seguinte, nasceu a primeira das três filhas: Maria Elizabeth Lins do Rego, a única paraibana. Em carta para Gilberto Freyre, de 30 de setembro de 1924, José Lins comenta: “*Escreva-me para: 'Villa da Cruz do Espírito Santo.'* Estou, por enquanto morando nessa villa.



Valdemar Cavalcanti



Graciliano Ramos

## Os amigos em Maceió.

Jorge de Lima



Ao Aurélio Buarque de Holanda



No final do ano, foi nomeado Promotor Pùblico em Manhuaçu, interior de Minas Gerais. È de outra carta de Gilberto Freyre que extraímos o seguinte trecho sobre esse período da vida de José Lins do Rego: “*O que eu quizera era tel-o aqui por uns dias para conversarmos. Mas decerto não é possivel. Ahi está Você – advogado ou promotor, entre israelitas mineiros e sem duvida a engordar com o muito queijo e o facil leite e o doce ar dessas terras*”. A permanência na promotoria não demorou muito. Em 14 de novembro de 1926, foi nomeado pelo Presidente Arthur da Silva Bernardes para o cargo de fiscal da Inspetoria Geral de Bancos no Estado de Alagoas. Porém, antes de sua transferência para Maceió, teve uma rápida estada no Rio de Janeiro, na casa do sogro. A segunda filha, Maria da Glória Lins do Rego, nasceu durante essa passagem pela então Capital Federal. Em 1930, foi demitido de suas funções para, logo em seguida ser nomeado pelo Presidente da Repùblica Getúlio Vargas, em 18 de fevereiro de 1931, para o cargo de fiscal do selo adesivo e outros impostos, em Maceió, passando a agente fiscal do imposto de consumo, no mesmo local, em 22 de agosto de 1933.

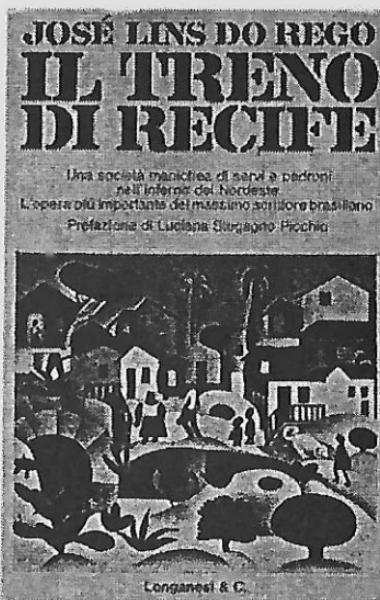
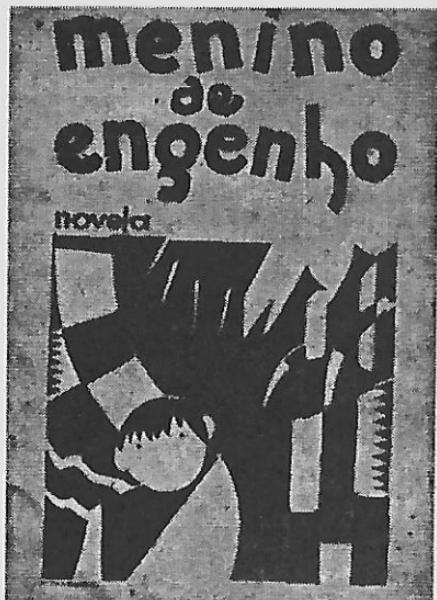
Ao chegar a Maceió, José Lins do Rego já era conhecido por seus artigos e ensaios incisivos. De bengala, chapéu, monóculo e costeletas, logo passou a escrever no Jornal de Alagoas, onde aperfeiçoou o pensamento crítico. De espírito polêmico, seus artigos logo criaram em torno de si um ambiente de inquietude e excitação, conforme declara Valdemar Cavalcanti, uma de suas grandes amizades na nova terra, ao lado de outras como Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Rachel de Queiroz, Aurélio Buarque de Holanda, Raul Lima, Alberto Passos Guimarães, Aloysio Branco e Arnon de Mello, com os quais conviveu por vários anos, na capital alagoana. “Escrevia com a paixão de quem acreditava no que escrevia, com uma impávida sinceridade, dizendo tudo o que queria e o que pensava com a ênfase dos meus 25 anos”, dizia José Lins do Rego.

Foi nesse período que José Lins do Rego, em pouco mais de vinte dias, escreveu seu primeiro romance. Segundo o próprio autor, *Menino de engenho* foi escrito a partir de 1931. Entretanto, Lêdo Ivo aponta outro ano: 1929. Valdemar Cavalcanti, que decifrou a letra de José Lins do Rego para datilografar o livro, apesar de não indicar uma data, apresenta um importante depoimento sobre a escritura do livro publicado em 1932:

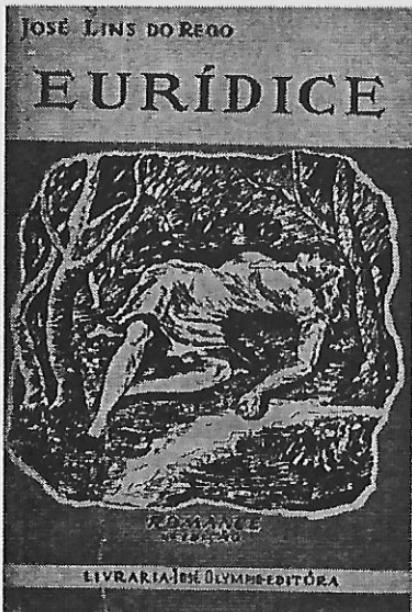
*A atividade constante de jornalista só veio a interromper em Alagoas, quando se dispôs a levar ao papel o Menino de engenho, sua primeira obra. "Vou escrever um livro, uma espécie de memórias" – confessou-me certa vez. E logo em seguida passou vinte e poucos dias só cuidando mesmo do livro, fora da banca de jornal, escrevendo de manhã cedo – a letra miúda e quase ininteligível, num caderno escolar – e lendo tudo de tarde para mim, à sombra de um caramachão de praça pública, em voz alta, às vezes espantando até as crianças por perto com os gritos que dava. E o que fez com o Menino de engenho – esse afastamento temporário do jornal – repetiu com Doidinho e com os demais livros.*

Aurélio Buarque de Holanda anota a facilidade com que José Lins do Rego compunha um romance, afirmando que o paraibano havia escrito *Menino de engenho* e *Doidinho* cada um em cerca de um mês. A resposta do escritor:

*Não há dificuldade nenhuma. Tudo o que eu boto nos livros está dentro de mim. Quando escrevo, aquilo vai correndo com a maior naturalidade; é como se eu furasse uma pipa.*



Primeira edição de *Menino de engenho* (1932); tradução para o italiano de *Menino de engenho* e *O moleque Ricardo* (1974); quarta edição de *Eurídice* (1956) e a tradução para o russo de *Cangaceiros* (1960).



Mas nada como lermos as observações de uma contemporânea e companheira de jornada de José Lins do Rego, como a escritora Rachel de Queiroz. Na passagem dos 40 anos de *Menino de engenho*, escreveu um texto para mais uma edição do livro, publicada pela José Olympio, em 1972, cujo título fazia referência ao aniversário da obra. Falando da “geração de 30”, dizia:

*Menino de engenho destacava-se especialmente importante naquela safra de 31/32 porque não era, como os livros de alguns de nós, obra primeira de menino precoce, marcada pelas falhas da estréia juvenil. Nós estreávamos como escudeiros atrevidos, mas José Lins do Rego já vinha armado cavaleiro de botas, esporas, espada e penacho. José Lins, na casa dos trinta, começava como romancista, mas era nome feito nas rodas intelectuais do Recife e até do Rio, autor de artigos, ensaios e estudos de crítica; já tinha bem afiada a sua ferramenta e completara a sua formação literária; e, com *Menino de engenho*, o romancista José Lins do Rego praticamente nos mostrava a sua face definitiva.*

O livro de estréia, publicado pela Adersen-Editores, do Rio de Janeiro, foi o vencedor do prêmio de literatura, em 1933, da Fundação Graça Aranha. É a obra mais traduzida de José Lins do Rego e chega ao século XXI na sua 80.<sup>a</sup> edição. Além disso, inspirou adaptações para o cinema, minissérie na televisão e versões em quadrinhos, só para citar alguns exemplos. O detalhe é que metade dos custos da obra foi bancada pelo próprio autor.

Dai por diante, foi publicado a cada ano um livro de José Lins do Rego, até 1939. O livro seguinte, *Doidinho*, de 1933, saiu pela Editora Ariel, também do Rio de Janeiro. Nesse mesmo ano, nasceu sua terceira filha, Maria Christina Lins do Rego,

em Maceió. Conheceu o editor José Olympio por volta de 1933/1934, quando publicou o terceiro livro, *Bangüê*, já por essa nova editora, nascida em 1931. Em plena negociação para a edição de *Bangüê* com a mesma Ariel, o romancista escreveu, em 1934, para Gastão Cruls nos seguintes termos:

*"Recebi proposta de José Olympio de S. Paulo para edições de Menino de engenho e Bangüê. O editor quer se meter numa aventura, pois me propõe uma tiragem de cinco mil de um e dez mil de outro. Não é preciso dizer que em igualdade de condições você terá preferência. Não acredito que este negócio lhe seja interessante.*

A partir daí, sua obra de ficção foi editada pela José Olympio. Seus livros passaram a contar com as ilustrações do amigo e conterrâneo, o pintor, desenhista, ilustrador e cenógrafo Tomás Santa Rosa Júnior, que, naquele ano, começava a fazer esse tipo de trabalho para a José Olympio Editora. Posteriormente, passaram a ser ilustrados por outro grande artista, o escritor e desenhista Luís Jardim, autor de *O boi Aruá*.

Em 1935, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde passou a exercer a função de agente fiscal do importo de consumo. Sua transferência oficial, entretanto, só saiu em 25 de março de 1938, através de um decreto de Getúlio Vargas. Na Capital Federal, conheceu a glória em vida, privilégio, aliás, para poucos. Publicou seu quarto livro, *O moleque Ricardo*, e passou a fazer parte da efervescência cultural do Rio de Janeiro das décadas de 30, 40 e 50. Conviveu com Manuel Bandeira, Rodrigo Mello Franco de Andrade, Prudente de Moraes Neto, Sérgio Buarque de Holanda, Augusto Frederico Schmidt, Octávio Tarquínio de Souza, Ruy Coutinho, dentre outros importantes nomes de nossa história cultural. A partir da década de 40, iniciou sua colaboração sistemática em *O Globo*, *Diários Associados* e *Jornal dos Sports*.



José Lins do Rego com amigo editor José Olympio e entre o funcionário Altamir e o ilustrador Luís Jardim.



Em 1936, foi publicado seu quinto romance, *Usina*, e seu livro para o público infantil, *Histórias da Velha Totônia*. Em carta, José Olympio incentivava José Lins do Rego afirmando: “*Voce ainda se tornará, como o Lobato, criatura querida dos meninos do Brasil*”. Nos anos seguintes, saíram *Pureza* (1937), que foi transformado em filme por Chianca de Garcia, em 1940, *Pedra Bonita* (1938) e *Riacho doce* (1939). Este último recebeu adaptação para um seriado de televisão e um filme. Após intervalo de um ano, publicou sua nona obra de ficção, *Água-Mãe*, com a qual recebeu o Prêmio da Sociedade Felipe d’Oliveira. O livro foi saudado por Mário de Andrade, em carta de 26 de janeiro de 1942, nos seguintes termos:

*O livro está ótimo, com as qualidades pessoais suas em plena forma e o assunto muito bem aproveitado. Nas últimas cem páginas, com dosagem segura, você consegue manter a gente numa angústia danada. Em si o livro é ótimo.*

*Porém o que mais me interessa é a significação que vai tomando a sua obra. Dentro dessa significação esta “Áqua-Mãe” tem uma importância singular. Com ele você acrescenta mais um tema da economia brasileira, da parte que você conhece. Com ele você enriquece a sua galeria de personagens brasileiros. Com ele você define, melhor que em qualquer outro dos seus romances, o desequilíbrio entre a atualidade e a tradição.*

*Vai continuando, seu Zé Lins, por favor vai continuando. Eu estou convencido mais que nunca que, além do valor singular de cada um dos livros de você, um dia hão-de perceber assombrados, a importância vasta do conjunto da sua obra. Você está fixando, mais do que qualquer sociólogo, um período da vida brasileira, o caráter de uma sociedade, e a significação crítica de uma tragédia mesquinha e implacável.*

As primeiras traduções de sua obra apareceram na década de 40. O romancista foi traduzido nos seguintes países: Alemanha, Argentina, Coréia, Espanha, Estados Unidos, França, Inglaterra, Itália, Rússia, Romênia, além das edições em Portugal.

José Lins do Rego publicou vários livros de ensaios e crônicas (algumas de viagem), como *Gordos e magros* (1942), *Poesia e vida* (1945), *Roteiro de Israel* (1951), *Bota de sete léguas* (1952), *Homens, seres e coisas* (1952), *A casa e o homem* (1954), *Presença do Nordeste na literatura brasileira* (1957), *Gregos e troianos* (1957), *O vulcão e a fonte* (1958 – edição póstuma). Esses livros reúnem a chamada “literatura de jornal”, segundo nos informa o escritor Lêdo Ivo que, sobre a atividade de cronista de José Lins do Rego, afirma: “Diariamente, ele escrevia artigos de jornal, que freqüentavam os assuntos mais vários”<sup>3</sup>

Em *Gordos e magros*, de 1942, livro publicado pela Casa do Estudante Brasileiro, no Rio de Janeiro, o próprio José Lins do Rego reúne alguns dos textos de sua primeira fase como cronista e ensaísta, onde aparecem artigos da década de 20, sobretudo quando escrevia, em Maceió, no Jornal de Alagoas, onde, dentre outros temas, debatia o modernismo. No prefácio à obra, o autor declara: “Um livro que é a história de uma vida literária é este que chamei de *Gordos e magros*”. O prefácio revela ainda outros aspectos interessantes como a consciência do risco de publicar material de quase duas décadas passadas e a honestidade de fazê-lo sem retoques:

*Recolhi para esse livro ensaios de 16 anos atrás e ensaios de hoje. É por conseguinte uma procura ao tempo perdido, caça no mais inquieto passado que é o das idéias. Pus-me a recolher o material com medo de deparar-me com espectros, fantasmas que me metessem medo. Há 16 anos éramos tão diferentes e era tão diferente o mundo!*

(...) Deixo tudo como escrevi há 16 anos. Os meus erros serão mais berrantes, mas as verdades serão mais verdadeiras. Sinto assim que dando publicidade aos meus ensaios de 1926, juntamente com outros mais recentes e com os de hoje, eu mesmo me julgo, submetendo-me aos olhos do público para uma revisão de valores.

Em 1943, José Lins do Rego publicou, pela Casa do Estudante Brasileiro (RJ), mais um livro fora da ficção: *Pedro Américo*. Mas o ano era mesmo de *Fogo morto*, considerado pela crítica como a obra mais importante de José Lins do Rego. O livro é objeto predileto de dissertações e teses acadêmicas, terreno fértil de onde nascem resenhas, monografias e toda sorte de escritos que revelam o fascínio pela narrativa tripartida entre o Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, ou Papa-Rabo, o funileiro mestre José Amaro e o Coronel Lula de Holanda. Em duas cartas para Gilberto Freyre, ambas de 1943, José Lins do Rego expressava uma idéia geral do que pretendia alcançar com seu décimo romance:

*Hontem acabei o meu novo romance. Nada lhe posso dizer. Fiz de herói do livro um bobo de engenho, o capitão Vitorino Carneiro da Cunha, vulgo Papa-Rabo. Não sei se consegui vencer as dificuldades, mas procurei dar ao meu velho Papa Rabo, um relevo de Quixote dos canaviaes. É um tipo que diz tudo o que sente e que de nada tem medo. Tudo se passa no engenho do Seu Lula, aquelle engenho de que falo, no 'Banguê', e 'Menino de Engenho'. O livro se chama 'Fogo Morto'. A sugestão do engenho parado me dar o título.*

*Leu você o meu ultimo romance? Imaginei criar um tipo que fosse imagem de nossa terra, em Papa-Rabo que fossi muito de [estrião] e homem de bem. Aqui vai o livro agradando muito aos nossos amigos.*

No ano seguinte, visitou o Uruguai e a Argentina, onde pronunciou conferências sobre literatura brasileira, publicadas na forma de livro em 1946. Um ano antes, saiu pela Livraria Universal seu livro de crônicas *Poesia e vida*. Em 1947, retornou ao romance com *Eurídice*, recebendo o Prêmio Fábio Prado.

No artigo “Poesia e Vida”, escrito em 22 de agosto de 1945 para O Jornal, do Rio de Janeiro, José Lins do Rego fazia alusão a mais um livro fora do ciclo romanesco, que levaria o mesmo título, entregue à Editora Universal, fazendo um rápido comentário sobre o binômio temático: “*A poesia que se desgarra das profundezas da vida é aquela que Goethe ia descobrir nos contatos do amor (...) A poesia da ação, a poesia dos silêncios fecundos (...). A vida daria aos poemas, aos contos, às narrativas, ao teatro dos românticos o poder de vencer a pátina com que os clássicos pretendiam cobrir de lodo o colorido e a luminosidade das coisas*”. (...) *A única poesia é a que se finca assim na terra, que se alimenta de nossa própria carne e do nosso próprio sangue. Esta poesia é eterna. A outra pode estar no metro, no rigor da forma, mas será devorada pelo tempo, como matéria que se decompõe*”.

Ao transcrever trechos de José Lins do Rego e encerrar sua análise acerca da vertente ensaística do paraibano, Lêdo Ivo revela a predileção do autor por Goethe, fato esse já demonstrado em 1917, como pudemos verificar anteriormente. Ao mesmo tempo, chama a atenção para o aspecto complementar e elucidativo dessa vertente para a obra ficcional:

“*Eu não tenho feito outra coisa, na vida, que tirar partido das coisas vividas. Inventar tudo não é o meu forte. Eu sempre considerei o mundo da realidade mais genial que o meu próprio gênio*”. Estas palavras de Goethe, que ele cita em *Homens, seres e coisas*, dão

*uma medida exata de sua personalidade. (...) evidenciando o autojulgamento e comprovando que ele, ensaiando-se sempre, com uma pertinácia extraordinária, realizou, ao lado de sua poderosa obra de imaginação, um texto crítico que permite uma abordagem mais lúcida ao seu Romance.<sup>4</sup>*

Porém, o autor de *Poesia e vida*, e apreciador desse “mundo da realidade” de que nos fala o escritor alemão, era também um apaixonado por futebol. Por isso, dentro dessas observações de caráter geral, não poderíamos deixar de ressaltar as ligações do intelectual brasileiro com esse esporte, particularmente com o clube de sua paixão, o Flamengo, tornando-se sócio proprietário do clube no dia 30 de junho de 1948. Iniciou-se como cronista esportivo em março de 1945, no Jornal dos Sports, onde assinava a seção “Esporte e vida”. Valdemar Cavalcanti, em conferência proferida por ocasião da passagem dos 80 anos de nascimento de José Lins do Rego, sobre esse tema, declara:

*Numeroso era o público desse José Lins da crônica esportiva. Isso porque ele sabia louvar, na medida, os ídolos da cancha; reproduzir conversas com os dirigentes, incitar a torcida para um jogo decisivo; chorar, como qualquer um da arquibancada, dois pontos perdidos numa peleja, ou, pela vitória, dar baile nos adversários; e, também, cutucar o diabo com vara curta, puxando briga com gente de proa. É claro, aí usando as suas manhas de polemista, a sua veia satírica..*



Com Julinho, da Seleção  
Brasileira de Futebol.



Com Servílio,  
zagueiro do Flamengo.

José Lins do Rego foi secretário-geral da Confederação Brasileira de Desportos, no período de 1942 a 1954, sendo também membro do Conselho Nacional de Desportos, função que exerceu entre 1944 e 1946, durante a presidência do Ministro Gustavo Capanema. Em 1950, pelo prazo de um mês, presidiu a CBD, em substituição a Mário Polo. Quando decidiu afastar-se da crônica esportiva, em 1953, sua atitude gerou um inconformismo entre os apreciadores do futebol: "Não, não me diga adeus", apelava o título de uma crônica de Vargas Netto. O motivo teria sido as críticas endereçadas ao escritor que havia chefiado a delegação brasileira de futebol durante o campeonato sul-americano, em Lima, Peru, no qual o selecionado canarinho foi derrotado, na decisão, por 3 x 2 pela equipe do Paraguai. Descontente com algumas matérias nos jornais que o colocavam entre os culpados, decidiu renunciar ao trono de cronista esportivo do Rio de Janeiro. O próprio Jornal dos Sports publicou uma nota oficial sobre a situação, cujo título era: "José Lins do Rego, um patrimônio da crônica – Razões que impedem seja aceita sua renúncia, apresentada, mas não aceita por Jornal dos Sports". Nessa nota, encontramos a seguinte declaração: "O cronista de 'Esporte e vida' é um bem inalienável (...). Por isto é que estamos esperando a todo momento a reforma da decisão extrema de José Lins do Rego. E esperando confiantemente, acrescente-se".

Entretanto, apenas em 1957 voltou a atuar como cronista. Na chamada geral, o jornal destacava: "O retorno – Quando um cronista não é mais dono de si mesmo: Zé Lins do Rego, uma figura indispensável na crônica brasileira – Um dos grandes males que o Certame de Lima causaria ao Brasil – Atitude de um homem de vergonha – Mas os leitores não se conformam e Zé Lins terá que voltar".

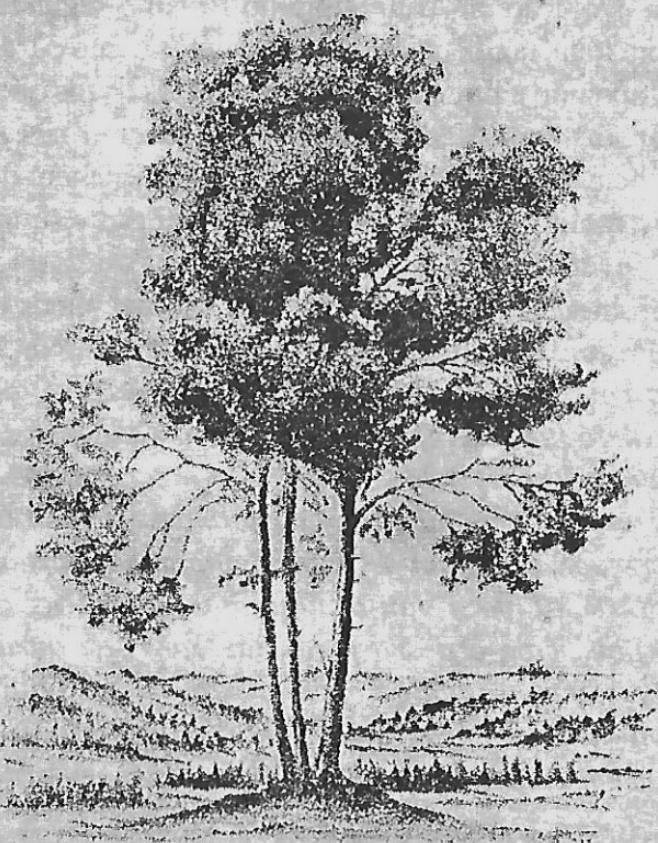
De 1949 a 1952, escreveu crônicas para vários jornais, fez viagens à Europa, uma das quais a convite do governo francês para participar do Congresso pela Liberdade da Cultura.

Participou também da Exposição Internacional de Artes de Paris, intitulada *L'oeuvre Du XX Siècle*, que reuniu obras-primas da primeira metade do século passado. Em 1952, publicou mais um livro de ensaios, *Homens, seres e coisas*, pelo Departamento de Imprensa Nacional/ Ministério da Educação e Saúde, dentro da coleção “Os cadernos de cultura”. A obra foi dedicada ao hoje acadêmico imortal Roberto Marinho. Ainda em 1952, saiu pela Editora A Noite o livro *Bota de sete léguas*, onde registra suas impressões da viagem à Europa.

No ano anterior, escrevera suas impressões sobre a viagem que fizera a Israel, país então recém-criado (1948), publicando o livro *Roteiro de Israel*, em 1951. Um dos resultados dessa viagem foi a amizade que se firmou entre o autor e aquela nação. A edição do livro foi patrocinada pelo Centro Cultural Brasil-Israel, no Rio de Janeiro. Essa instituição prestou uma simbólica homenagem póstuma ao autor através de um documento – Óbolo – no qual certifica que o Centro Cultural Brasil-Israel plantou cinqüenta e seis árvores em Israel, em memória de José Lins do Rego, como reconhecimento da grande amizade com o povo de Israel. De sua parte, o escritor por várias vezes escreveu sobre aquela nação. Há uma série de crônicas intituladas “Israel” que dá o tom dessa reciprocidade.

*Cangaceiros*, de 1953, seu décimo segundo e último romance, completou o chamado “ciclo do cangaço”, que se junta ao da “cana-de-açúcar”, formado pelas primeiras obras de José Lins do Rego até *Usina*, além de *Fogo morto*. Aliás, na segunda edição de *Usina*, em 1940, o romancista esclarece o significado para essa classificação. O livro de 1953, entretanto, teve sua publicação iniciada na forma de folhetins, um ano antes, na revista *O Cruzeiro*, no Rio de Janeiro. A obra recebeu o Prêmio Carmen Dolores Barbosa, como a melhor obra de criação literária, naquele ano.

\* קֶרֶן קַיִמֵּת לְעִשָּׂרָאֵל \*



ESTE OBRAZO DESTINA-SE PARA O FLORESTAMENTO  
DE ISRAEL \* KEREN KAYemet LEISRAEL

Certificado do plantio de 500 árvores em Israel,  
efetuado pelo Centro Cultural Brasil-Israel em nome  
de JOSE LINS DO REGO, como homenagem póstuma pela  
sua grande amizade e compromisso sempre dedicadas  
para com o povo e o Estado de Israel.

Rio de Janeiro, 1957

\* קֶרֶן קַיִמֵּת לְעִשָּׂרָאֵל \*

Na década de 50, José Lins do Rego ampliou sua obra de cronista e ensaísta, publicando em 1954 o livro *A casa e o homem*, pelas Organizações Simões, do Rio de Janeiro, onde “estuda a evolução da Arquitetura no Brasil”, segundo Lêdo Ivo. A obra trata, também, de outros assuntos como o freqüente tema envolvendo a linguagem e a forma: “Os livros que falam como homens serão sempre os que conduzem mais do que palavras bem postas, serão sempre os que se enchem de uma vida que é maior do que as convenções oratórias e sintáticas”.

A característica a que Lêdo Ivo chama de “nomadismo temático” é uma das marcas dos textos não ficcionais de José Lins do Rego. Já no início, lemos a seguinte observação:

*No começo a casa foi construída contra a floresta e assim o homem refugiava-se mais do que morava. Daí tudo ser como se fosse obra do medo. Fugia-se das árvores e dos bichos, derrubava-se a mataria em derredor, evitavam-se os rios, opunha-se o homem à natureza com o pau-a-pique das primeiras choças. Depois, com a pedra e cal das obras de duração. A árvore era o inimigo mais próximo a aniquilar. Dela podia sair a morte. Um tapuia espreitava lá de cima o homem desprevenido para a flechada mortífera (...).*

Esse primeiro texto – “A casa e o homem” – que dá título ao livro, segue demonstrando o processo de ocupação e interação do homem com a natureza, finalizando com uma advertência que soa bastante atual: “(...) O homem para bem viver não pode ser conduzido contra a paisagem. Ele não deve ser nunca um assassino de paisagens. Para ser mais humano tem que confundir-se com a natureza para amá-la como amante e fecundá-la como gênio criador”.

Ainda em 1954, realizou uma viagem à Europa, em companhia de dona Naná, passando pela Espanha, Finlândia e

Inglaterra, onde visitou o Memorial Shakespeare. Naquele mesmo ano, ocorreu a negação do visto pela Embaixada dos Estados Unidos da América ao escritor brasileiro. O episódio se deu quando José Lins do Rego decidiu fazer uma visita à sua filha mais nova, Maria Christina, casada com o diplomata brasileiro, Carlos Veras, que estava servindo em Washington. O motivo: José Lins Rego tinha participado, em outros tempos, da Associação dos Amigos do Povo Espanhol, que os norte-americanos consideravam contra o General Franco, suficiente, no ponto de vista da Embaixada, para colocar José Lins do Rego sob suspeita. Érico Veríssimo, em carta de Washington, de 10 de fevereiro de 1954, esclarece melhor a questão, dando total apoio ao amigo:

*Se o visto americano lhe foi negado porque você assinou um manifesto contra o Gal. Franco, não sei então como é que eu consegui entrar nos Estados Unidos, pois fiz inumeros discursos, assinei vários manifestos contra El Caudillo; fui até presidente duma sociedade anti-franquista em Pôrto Alegre. Minha maneira de pensar com relação ao ditador espanhol não mudou nem mudará. Continuo a detestar as ditaduras, sejam elas da direita, da esquerda... ou do centro. Ainda pouco num artigo publicado pela revistas Cuadernos, de Paris, e reproduzido nos suplemento literário do Correio do Povo, de Pôrto Alegre, deixei bem clara minha maneira de pensar e sentir com relação à atitude do escritor para com a política e os problemas sociais.*

*P.S. V. fica autorizado a publicar esta carta quando e onde achar conveniente.*

Depois de dois meses de “investigações”, o Departamento de Estado Norte-Americano “decidiu conceder visto ao Sr. José Lins do Rego”, assinala uma nota do jornal O Globo, daquele ano. A resposta do escritor ao cônsul que lhe fizera a comunicação:

Na década de 50, José Lins do Rego ampliou sua obra, de cronista e ensaísta, publicando em 1954 o livro *A casa e o homem*, pelas Organizações Simões, do Rio de Janeiro, onde “estuda a evolução da Arquitetura no Brasil”, segundo Lêdo Ivo. A obra trata, também, de outros assuntos como o freqüente tema envolvendo a linguagem e a forma: “Os livros que falam como homens serão sempre os que conduzem mais do que palavras bem postas, serão sempre os que se enchem de uma vida que é maior do que as convenções oratórias e sintáticas”.

A característica a que Lêdo Ivo chama de “nomadismo temático” é uma das marcas dos textos não ficcionais de José Lins do Rego. Já no início, lemos a seguinte observação:

*No começo a casa foi construída contra a floresta e assim o homem refugiava-se mais do que morava. Daí tudo ser como se fosse obra do medo. Fugia-se das árvores e dos bichos, derrubava-se a mataria em derredor, evitavam-se os rios, opunha-se o homem à natureza com o pau-a-pique das primeiras choças. Depois, com a pedra e cal das obras de duração. A árvore era o inimigo mais próximo a aniquilar. Dela podia sair a morte. Um tapuia espreitava lá de cima o homem desprevenido para a flechada mortífera (...).*

Esse primeiro texto – “A casa e o homem” – que dá título ao livro, segue demonstrando o processo de ocupação e interação do homem com a natureza, finalizando com uma advertência que soa bastante atual: “(...) O homem para bem viver não pode ser conduzido contra a paisagem. Ele não deve ser nunca um assassino de paisagens. Para ser mais humano tem que confundir-se com a natureza para amá-la como amante e fecundá-la como gênio criador”.

Ainda em 1954, realizou uma viagem à Europa, em companhia de dona Naná, passando pela Espanha, Finlândia e

Inglaterra, onde visitou o Memorial Shakespeare. Naquele mesmo ano, ocorreu a negação do visto pela Embaixada dos Estados Unidos da América ao escritor brasileiro. O episódio se deu quando José Lins do Rego decidiu fazer uma visita à sua filha mais nova, Maria Christina, casada com o diplomata brasileiro, Carlos Veras, que estava servindo em Washington. O motivo: José Lins Rego tinha participado, em outros tempos, da Associação dos Amigos do Povo Espanhol, que os norte-americanos consideravam contra o General Franco, suficiente, no ponto de vista da Embaixada, para colocar José Lins do Rego sob suspeita. Érico Veríssimo, em carta de Washington, de 10 de fevereiro de 1954, esclarece melhor a questão, dando total apoio ao amigo:

*Se o visto americano lhe foi negado porque você assinou um manifesto contra o Gal. Franco, não sei então como é que eu consegui entrar nos Estados Unidos, pois fiz inumeros discursos, assinei vários manifestos contra El Caudillo; fui até presidente duma sociedade anti-franquista em Pôrto Alegre. Minha maneira de pensar com relação ao ditador espanhol não mudou nem mudará. Continuo a detestar as ditaduras, sejam elas da direita, da esquerda... ou do centro. Ainda pouco num artigo publicado pela revistas Cuadernos, de Paris, e reproduzido nos suplemento literário do Correio do Povo, de Pôrto Alegre, deixei bem clara minha maneira de pensar e sentir com relação à atitude do escritor para com a política e os problemas sociais.*

*P.S. V. fica autorizado a publicar esta carta quando e onde achar conveniente.*

Depois de dois meses de “investigações”, o Departamento de Estado Norte-Americano “decidiu conceder visto ao Sr. José Lins do Rego”, assinala uma nota do jornal O Globo, daquele ano. A resposta do escritor ao cônsul que lhe fizera a comunicação:

“agradeço, mas, agora, é tarde demais. Não viajarei mais para os Estados Unidos”. Esclareceu que o motivo da viagem era visitar a filha, mas que ela já estava de viagem marcada para a Europa. “Pretendo visitar vários países, começando pela Espanha, onde me demorarei algumas semanas”.

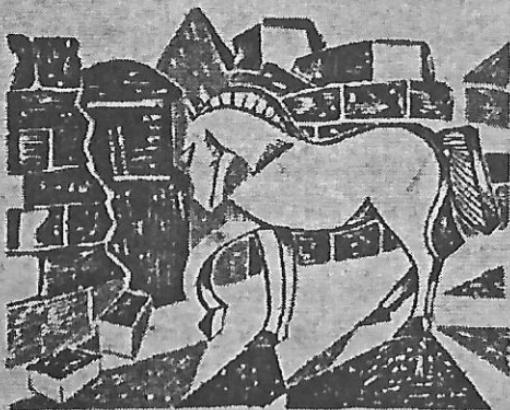
De volta à Europa, em 1955, visitou a Grécia, cidade a que retornaria no ano seguinte, demorando-se por alguns meses. Um novo livro nasceu desse contato, *Gregos e troianos*, publicado pela Bloch Editores, Rio de Janeiro, em 1957. Na capa do livro, saiu o nome da Livraria São José, do livreiro e amigo Carlos Ribeiro, o Carlinhos, apresentado ao romancista e a Santa Rosa, na mesma ocasião, na Livraria Quaresma, no Rio de Janeiro, por Simeão Leal. Após o fechamento da Livraria José Olympio, na rua do Ouvidor, José Lins do Rego passou a freqüentar com mais assiduidade a loja do amigo. Este fato resultou no lançamento, em grande estilo, em 1956, de *Meus verdes anos*, bem como da coleção dos seus romances, em edição de luxo, ambos publicados pela José Olympio. O próprio Carlos Ribeiro nos dá a explicação para o aparecimento do nome de sua livraria na capa de *Gregos e troianos*:

*Um dia, telefonou-me e disse: "Carlinhos, vou colocar no meu livro 'Gregos e troianos' o nome de tua editora". Autorizei e agradeci sensibilizado. Era a prova maior de sua ternura pelo velho 'mercador de livros'. Aí está circulando, o meu nome ligado ao seu último livro: 'Gregos e troianos' – crônicas escritas da Europa na sua última viagem ao Velho Continente.*

No texto de abertura do livro *Gregos e troianos*, um de seus últimos trabalhos fora da ficção, José Lins do Rego fala-nos das crônicas onde registrou as impressões de um viajante de modo muito particular, dando-nos uma pista interessante para que possamos ler alguns desses relatos:

*JOSÉ LINS DO REGO*

GREGOS  
E  
TROIANOS



*LIVRARIA SÃO JOSÉ*

*“Não se trata de um livro de viagens. Antes do livro de um míope que precisa fixar-se mais nas coisas para sentir-las melhor. O míope não olha os homens e os fatos com rapidez. Pelo contrário, procura o mais que pode demorar a vista, ajudada pelas lentes, no que corre em sua frente. No processo de ver do míope entram mais os outros sentidos do que na visão dos normais (...). Não me detengo para colheita de nomes e de cifras. Detenho-me para sentir como se estivesse numa sala de espetáculos. O míope recorre aos ouvidos, ao tato e ao cheiro e se confunde com o objeto e se transforma em íntimo amigo das coisas. De tanto querer ver de perto entra na festa sem ser convidado”.*

Em 15 de setembro de 1955, o já consagrado autor paraibano foi eleito para a Academia Brasileira de Letras como sucessor do Ministro Ataulfo de Paiva, na cadeira de n.º 25. A eleição e posse de José Lins do Rego na Academia Brasileira de Letras também mereceram alguns comentários em cartas, grande parte, aliás, parabenizando o romancista. Não faltaram, entretanto, missivas com temas de bastidores, a exemplo das correspondências de dois acadêmicos. O primeiro, Vianna Moog, na correspondência de 21 de maio de 1955, de Nova York, comenta a notícia da candidatura do romancista à Academia:

*Não creio que tua candidatura encontre resistências. Entretanto, se isto se verificar – quod Deus avertat – aí estarei de mangas arregaçadas para fazer fôrça a teu favor, ou melhor, a favor da Academia.*

Raimundo Magalhães Júnior, jornalista cearense, que havia desistido de sua candidatura à Academia em prol da candidatura de José Lins do Rego, mas que foi eleito no ano

seguinte, nos dá um interessante depoimento sobre o andamento do processo eletivo:

*Meu caro José Lins do Rego: A política acadêmica está fervendo. E considero um dever meu dar-lhe o aviso do que acontece, lealmente. Surgiu uma nova candidatura: a do Dr. Waldemar Berardinelli, apoiada em acadêmicos que são médicos e professores de medicina. O Peregrino, que é seu amigo, como é meu, considera que seria uma desprimo, para o grupo que o apoia, vir a ser derrotado, depois do compromisso que assumiu para com você. Mas o concorrente está trabalhando com muita força, prevalecendo-se de sua ausência. Por outro lado, queixam-se alguns de que v. está se mostrando desinteressado, que viajou para o estrangeiro sem ter feito as visitas protocolares, etc. Acho que v. devia abreviar o seu regresso, para tratar desses detalhes, desmanchando tais explorações.*

*Foi-me apresentada a situação de forma um tanto alarmista: falaram-me até na reapresentação de minha candidatura, para o efeito de conduzir a um "impasse", caso você permaneça ausente até a data do pleito. É uma hipótese que me repugna, não só por já ter desistido em homenagem a você, como porque o papel de atrapalhador é um papel antipático. Prefiro, mil vezes que você, avisado, venha e cuide de sua eleição, impediendo que seja eleito quem não é verdadeiramente um escritor.*

José Lins do Rego tomou posse na Academia em 15 de dezembro de 1956, sendo recebido por Austregésilo de Athayde que proferiu o discurso intitulado "Sois um tema literário e humano bastante complexo". José Américo de Almeida assim registrou esse momento num telegrama: "Este seu grande dia



Com Raimundo Magalhães Júnior

Discurso de posse na Academia,



*é ainda maior para a Paraíba que vê seu nome como única consagração que lhe faltava".* No discurso de posse, José Lins do Rego quebrou o protocolo da casa Machado de Assis e classificou seu antecessor como uma espécie de "irmão menor da casa". A partir de então, os discursos passariam por censura prévia, segundo afirmou a filha do escritor, Maria Elizabeth Lins do Rego. As ligações do Ministro Ataulfo de Paiva com a família de Roberto Marinho, que dirigia o jornal *O Globo*, são apontadas como motivadoras do afastamento de José Lins do Rego desse periódico. O discurso, aliás, desde o seu início, já prometia:

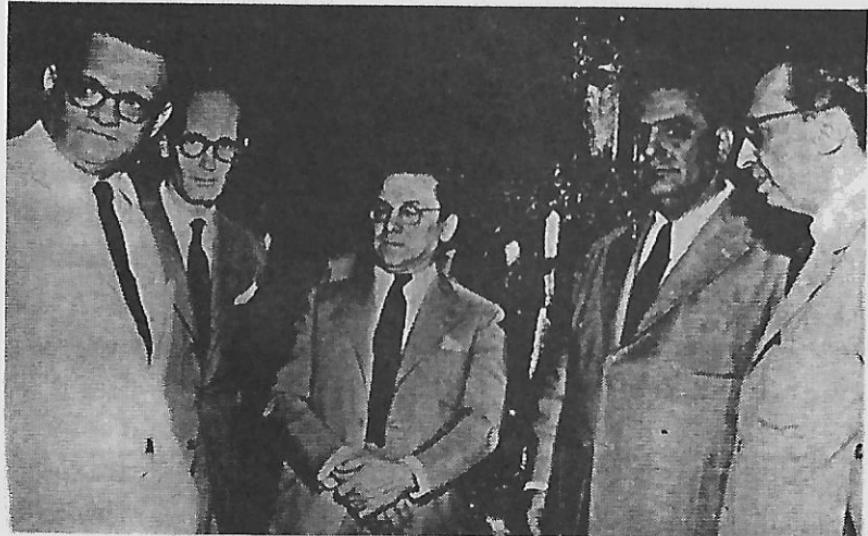
*"Aqui estou sem ter feito uma caminhada de aventura. Não me pus na luta empenhando o que podia e o que não podia. A Academia não me foi uma idéia fixa, um posto a conquistar com todo o meu sangue. E nem vendi a alma ao demônio para obter a vossa imortalidade. Chego sem alvoroço e sem tropeçar na glória dos outros. (...) Quando jovem, disse muito mal da Academia. Fora a contingência dos que não se conformam com a ordem das coisas. Há-de ter sorrido a Academia das investidas curiosas dos que desdenham de suas honrarias. (...) Muitos dos vossos grandes de hoje, que vejo tão sólidos em suas poltronas, foram dos que sacudiram pedras em vossas vidraças. Jovens intempestivos, que se jogavam sobre o estabelecido como ciclones desencadeados. O espírito dos jovens não faz mal aos que sabem envelhecer. O que nos mata é a intolerância para com a intolerância dos que têm o fogo da juventude".*

Mas é do pintor Cícero Dias o toque de ironia ao comentar o discurso de posse de José Lins do Rego na Academia:  
*Recebi o seu discurso sobre o Ataulpho. Já mostrei a*



José Lins do Rego, Otávio Tarquínio de Souza, Paulo Prado  
José Américo de Almeida e Gilberto Freyre.

José Lins do Rego, Carlos Drummond de Andrade, Cândido Portinari, José Olympio e Manuel Bandeira.



*Jeanine que adorou. V. fez do Ataulpho uma figura de romance carioca com hábitos franceses o que era comum aos frequentadores da Lalé, Cavé ou o Alvear, muitos Ataulphos passaram por lá.*

*Grande discurso, o seu na Academia. Despido de coisas comuns, tão bom e melhor do que o do Cocteau na Academia em Paris.*

O ano de 1957 marca o fim de uma vida vitoriosa, muito embora a morte ocorrida em 12 de setembro daquele ano pudesse representar uma derrota. José Lins do Rego foi vítima de cirrose do fígado, síndrome hepato-renal, segundo atestado do médico Theobaldo Vianna. O corpo foi exposto em câmara ardente na Academia e sepultado no Cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. Ainda no mesmo ano, saiu seu último livro em vida: *Presença do Nordeste na literatura brasileira*, publicado pelo Departamento de Imprensa Nacional/ Ministério da Educação e Saúde, como parte da coleção “Os cadernos de cultura”.

Em *O vulcão e a fonte*, obra póstuma de 1958, Lêdo Ivo faz um estudo muito esclarecedor sobre a produção não ficcional de José Lins do Rego, a que temos freqüentemente recorrido. O livro é uma seleção de crônicas de José Lins do Rego.

José Lins do Rego foi um homem que realizou uma perfeita simbiose entre a literatura e as amizades, dois pontos fortes de sua trajetória. Sua correspondência passiva documenta vários lances desse processo, além dos depoimentos de pessoas próximas a ele, como podemos observar nessas linhas gerais sobre a vida e a obra desse menino de engenho, que entra no novo século completando cem anos de história.



U  
tlossen  
SI

## NOTAS

<sup>1</sup> ALMEIDA, José Américo de. O contador de histórias. *Gazetta – Suplemento Cultural do Jornal de Brasília*, 12 de agosto de 1984, p. 4.

<sup>2</sup> A ortografia dos trechos de cartas está consoante o original.

<sup>3</sup> IVO, Lêdo. O ensaísta José Lins do Rego. In: REGO, José Lins do. *O vulcão e a fonte*. Rio de Janeiro. O Cruzeiro, 1958, p. 10.

<sup>4</sup> In: O ensaísta José Lins do Rego. Op. cit., p 36. O livro *Homens, seres e coisas* foi publicado em 1952, no Rio de Janeiro, pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Saúde.